

BRUXA d'ARRUDA



A Bruxa d'Arruda...

Poderia ser conhecida como a terra de Baco uma vez que a sua principal produção é o vinho! Mas não!

Arruda é dotada de um misticismo sem fim, é então conhecida como a terra da Bruxa: “A Bruxa d'Arruda”.

Queríamos saber até que ponto esta “Bruxa” tinha sido mesmo real e conseguimos com a ajuda dos nossos entrevistados que refutaram imediatamente a hipótese da “Bruxa” ter sido uma lenda: “*Não! Que ela existiu sei eu...*” “*... pois se a última era minha avó!...*” - disse-nos o senhor João, um dos netos da última “Bruxa” desta vila. Depois de ouvirmos esta frase a curiosidade aumentou.



Então não existiu apenas uma “Bruxa” d'Arruda? - perguntamos ao senhor João. “*Para além da minha avó que se chamava Adelaide Piedade Louro, já a avó dela, a Ana, o era.*”

Não sabe o sobrenome da sua ...

... trisavó? perguntamos.

“Não, mais não sei ...”

“... apenas sei que morava nas Neves” - mais tarde viemos a saber que se chamava Ana Lérias.

Concluímos então que teriam existido, em Arruda, três gerações de “Bruxas” que teriam passado este “saber” e talvez a riqueza de mães para filhas.

“Não, rica não era a minha avó. Ela era uma pessoa remediada; com algumas terras e algum dinheiro” - disse-nos o senhor Libano também neto da última “Bruxa” d'Arruda e primo do senhor João, quando lhe perguntámos se a avó era rica.



Gostaríamos então saber como este conhecimento sobrenatural ou científico tinha passado para mais alguém ao que o senhor Libano respondeu:

“Para além de minha avó e daquelas anteriores a ela, apenas umas tias minhas praticaram, mas não em Arruda”.

Mas já não praticam? Interrompemos.

“Não, já morreram; embora as suas filhas ainda pratiquem na Ajuda, Malveira e Alhandra”.

Ainda acerca deste “saber” transmitido de mães para filhas interrogámos a senhora Maria Helena Mendes, uma interessada pela nossa vila e tudo o que nela se passa. *“Esse saber é um saber popular acumulado descendentes, talvez, das comendadeiras que aqui ficaram na ordem de Santiago (...)”*

Acha que livros como este (mostrámos à inquirida um livro do séc. XVIII sobre medicina) poderiam ter auxiliado as “Bruxas” nas suas curas?

“Em relação à primeira “Bruxa” eu tenho as minhas dúvidas e creio que lhe seria impossível uma vez que naquela altura quase todos eram analfabetos”.

“O mesmo se passa com todas as outras, excepto a última “Bruxa”. Tenho conhecimento que esta já sabia ler e escrever fluentemente, uma vez que andou com a minha mãe, que Deus a tenha, na escola”.

“Creio até que certas curas são idênticas às apresentadas num livro de S. Cipriano”. Tem conhecimento de alguma história acerca de uma das “Bruxas” d’Arruda? - interrogámos prontamente.

“Poucas são as histórias que se sabem acerca das “Bruxas” porque a população de Arruda não lhe dava o devido valor e aqueles que lhe davam valor têm receio de contar (por alguma razão)”.

“Mas a que eu sei é a seguinte: uma rapariga, filha de um médico de Setúbal estava bastante doente e o pai tinha ido aos melhores médicos com ela. Nada dava resultado”.

“Já apelando aos últimos recursos o pai trouxe a rapariga à “Bruxa”. Esta disse-lhe que a curava mas que ela teria de ficar em sua casa. Assim se fez”.

Aqui indicou-nos que as opiniões divergiam, mas continuou a contar:

“... Há quem diga que durante 48 horas a mulher não lhe deu nada de comer e colocou um alguidar cheio de leite à cabeceira da cama da rapariga”.

“Conta o povo que a rapariga deitou uma cobra pela boca pouco tempo depois”, “a outra versão que o povo conta é que, durante a estadia em casa da “Bruxa”, a rapariga apenas comeu sementes de abóbora e alguns dias mais tarde deitou pela boca uma cobra”.

“Hoje há explicação para quase tudo e no que diz respeito a esta história não é diferente”.

“O que a rapariga tinha era um caso avançado de lombrigas (não de oxiúros). Ao não comer, estas lombrigas, que normalmente se localizam nos intestinos, buscaram comida e saíram pela garganta atraídas pelo cheiro do leite”.

Quanto às sementes de abóbora, sabe-se hoje que estas são um veneno mortal para as lombrigas e como tal, a sua saída pela boca deu-se inevitavelmente, uma vez que buscam comida”.

“Bem...”

“... a cobra não passava de lombrigas que podem muito bem passar por cobras, uma vez que podem chegar a atingir os 30 cm de comprimento”.

Estava assim explicado aquele caso de cura.

“Elas usavam as plantas características desta zona como é o caso das malvas, barbas de milho, da hortelã, das tádigas e, principalmente, da erva arruda;” “erva arruda que deu o nome a esta terra; a erva era amarela, cheirava muito mal e tinha altas capacidades curativas” - disse-nos quando lhe perguntamos que tipo de ervas ou plantas utilizavam as “Bruxas”.

Pusemos então a questão crucial:

Acha que estas mulheres eram mesmo “Bruxas”?

“... as palavras que a elas deveriam ser atribuídas eram de curandeiras ou ervanárias, embora também possam ser consideradas bruxas pois sabiam analisar certos sintomas que mais ninguém sabia”.

“O povo pensava que elas tinham o poder de adivinhar com todas aquelas rezas que serviam apenas para enganar...”



ARRUDA DOS VINHOS

Arruda dos Vinhos é um concelho que se situa a cerca de 30 km de Lisboa, fazendo fronteira a sul com o concelho de Loures, a norte com o de Alenquer, oeste com o de Sobral de Monte Agraço e a este com o de Vila Franca de Xira.

Apesar da proximidade da capital, Arruda dos Vinhos é um Concelho que apresenta uma paisagem tipicamente rural, onde se destaca a vinha que continua a ser a maior e principal produção agrícola. Os setores da Indústria e dos Serviços encontram-se em franca expansão e empregam grande parte da população residente.

É um dos concelhos mais antigos do País, havendo referências já como vila aquando da doação de D. Afonso Henriques à Ordem de Santiago em 1172. Arruda dos Vinhos apresenta um vasto património arquitetónico, histórico e cultural, destacando-se a Igreja Matriz - Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Salvação e o Chafariz Pombalino. Possui também dois Fortes - o Forte da Carvalha e o Forte do Cego, que se encontram integrados na Rota Histórica das Linhas de Torres, dinamizada pela Associação Rota Histórica das Linhas de Torres, com mais 5 municípios.

O concelho de Arruda orgulha-se de possuir paisagens magníficas, que nos convidam a percorrê-las através de passeios pedestres, todo-o-terreno ou simplesmente com o olhar que nos leva quase ao infinito...



SUGESTÕES DE VISITA

Igreja Matriz de Arruda dos Vinhos
38° 59' 02.767", -9° 04' 35.293"

Chafariz Pombalino
38° 59' 00.095", -9° 04' 39.583"

Centro Cultural do Morgado
Biblioteca Municipal Irene Lisboa, Centro de Interpretação das Linhas de Torres, Serviço Educativo e Cultural, Sala Polivalente, Posto de Turismo, Auditório Municipal, Galeria Municipal, Oficina do Artesão e Jardim do Morgado.
38° 59' 02.425", -9° 04' 39.398"

Igreja Paroquial de S. Lourenço - Arranhó
38° 57' 18.519", -9° 08' 13.110"

Igreja de S. Tiago dos Velhos
38° 56' 15.009", -9° 06' 15.384"

Igreja Paroquial de São Miguel Arcanjo - Cardosas
38° 58' 34.249", -9° 02' 30.070"

Forte do Cego, de São Sebastião ou da Infesta - Obra militar n.º 9
38° 58' 08", -9° 05' 09"

Forte da Carvalha - Obra militar n.º 10
38° 58' 22", -9° 06' 13"

Ermida de Nossa Senhora do Monte
39° 00' 03.423", -9° 04' 30.723"

Miradouro de Cardosas
38° 58' 48.298", -9° 02' 26.734"

Miradouro da Giesteira
38° 59' 22.300", -9° 05' 32.097"